

HISTÓRIA E CRIAÇÃO LITERÁRIA DO FEMININO EM YARA, A VIRGEM DA BABILÓNIA

Benvinda Lavrador¹

RESUMO: O artigo apresenta uma análise da representação literária da mulher no romance moçambicano *Yara, a virgem da Babilónia*, de Adelino Timóteo, a partir da revolução histórico-social do feminismo. As bases ideológicas do movimento lançado por Simone de Beauvoir em 1949, com o seu livro *O segundo sexo*, nomeadamente no que diz respeito ao corpo da mulher e sua sexualidade, fornecem os tópicos para uma leitura da construção romanesca da personagem feminina Yara. Esta, surpreendendo pelo insólito e pelo interdito, subverte os tradicionais conceitos de amor e virgindade, amando sem o corpo, afirmando-se mulher para além do corpo. O universo ficcional africano traz em si marcas históricas da modernidade onde as mulheres se redefinem, não mais em posição de subalternidade em relação ao elemento masculino, mas em função de uma identidade própria construída no seio das suas legítimas aspirações.

PALAVRAS-CHAVE: Moçambique. Romance. Feminismo. Identidade. Mulher

INTRODUÇÃO

As mudanças históricas sócio-culturais ocorridas em fins do século XX que afetaram a condição social da mulher geraram novas construções literárias da personagem feminina no texto ficcional africano pós-colonial. De fato, este não é alheio aos efeitos do movimento feminista da segunda metade do século XX que pôs em causa mitos da feminilidade, construídos por cosmologias e religiões, e alimentados por ideologias político-sociais. Sob a pena de Adelino Timóteo, a prosa moçambicana reflecte algumas das questões que estiveram no centro da luta das feministas, sobretudo a partir de 1949 (data da publicação do polémico livro de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*), nomeadamente a problemática do corpo da mulher, cuja identidade se definia pela sua capacidade de reprodução.

No romance *Yara, a virgem da Babilónia* (2008), o universo ficcional é dominado por uma mulher *hors norme* que, sem «identidade doméstica»², se revela estranha e provocadora ao transformar-se em sereia no momento do ato sexual, sem que o mesmo se realize. Mas a construção da personagem feminina surpreende, não apenas pelo insólito e pelo atípico, mas

¹ Doutora em Literatura africana francófona pela Universidade de Coimbra (Portugal). Professora no Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos da Universidade Felix Houphoeut Boigny de Abidjan (Costa do Marfim)

² Os elementos definidores da identidade doméstica da mulher assentam na trilogia «marido, filhos, casa». Yara, a personagem principal do romance, não desempenha os tradicionais papéis atribuídos à mulher e em nenhum momento da diegese a vemos no contexto doméstico.

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 16	n. 26	p. 99-106	Recebido em: 27 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.
--	----	-------	-------	-----------	--

também pela sua dimensão ideológico-social. Fugindo da guerra da Babilónia, bem como dos seus dramas de mulher, Yara se radica na cidade da Beira, microcosmos da nação moçambicana, mosaico de culturas. Através desta personagem feminina, o texto literário acaba subvertendo tradicionais padrões de amor e sexualidade trazendo para a ribalta a questão do corpo da mulher, que esteve no centro da polémica levantada pelas feministas. Assim, se na sociedade moçambicana pós-colonial o eco da revolução feminista se fez sentir pelo fim do silêncio histórico das mulheres, no imaginário literário a personagem feminina Yara revela que os velhos dilemas ainda afetam as mulheres da modernidade.

1 A IDEOLOGIA FEMINISTA

Em 1949, Simone de Beauvoir escandalizou ao afirmar sem ambiguidade: «os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência» (BEAUVOIR, 1980, p. 179). A subalternidade a que a mulher foi sujeita desde tempos imemoriais tocando os limites da subserviência («o homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro», BEAUVOIR, 1980, p. 10), desencadeou, então, uma onda de protesto por parte das feministas que reivindicaram igualdade social e direitos para as mulheres. Beauvoir desestabiliza também o conformismo feminino face ao casamento de submissão e à conceção da mulher como símbolo de fertilidade, influenciando, por exemplo, a americana Shulamith Firestone, autora de *A dialética do sexo* (1970) e co-organizadora dos primeiros grupos radicais: «Redstockings», «New York Radical Women», e «New York Radical Feminists». Firestone (1976) sustenta que a maternidade é a forma mais completa de dominação do homem sobre a mulher, defendendo por isso o direito ao controle da reprodução pelas mulheres. Betty Friedan (também nos Estados Unidos) chama a atenção, entre outras coisas, para a voz íntima da mulher que diz: «quero algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa», (FRIEDAN, 1971, p. 31). Lucinda Cisler, militante do movimento «Women's Liberation Movement», publica um artigo em que afirma sem rodeios que a mulher é vista como um ser a-identitário, uma vez que a sua identidade é definida em função do conjuge e filhos: «a sociedade definiu a mulher, primariamente, como uma gestadora, isto é, ela existe em relação a homens e crianças em vez de ser um indivíduo» (CISLER, 1970, p. 245-246). Ainda na mesma linha ideológica, Friedan constata que «o único valor para uma mulher e seu único dever residem na realização da sua femitude [...] que não pode desabrochar senão na passividade sexual, na aceitação da

dominação do marido» (FRIEDAN, 1971, p. 40-41).

No centro da polémica levantada pelas feministas está, então, uma visão predominantemente masculina da mulher que a define pela maternidade e, conseqüentemente, pelo seu corpo. Como afirma Tânia Swain, autora de *Meu corpo é um útero?* (2007), «às mulheres tem-se tentado, há quatro ou cinco séculos, no Ocidente, atribuir um modelo, uma forma singular centrada em seu corpo, em sua capacidade reprodutora. Louvada enquanto apanágio das mulheres, a capacidade de procriação, tem, por outro lado, o peso de um destino, de uma fatalidade» (SWAIN, 2007, p. 203). Ela se interroga: «Porém, eu, socialmente definida enquanto mulher, seria apenas este útero? Qual o lugar das mulheres que não podem ou não querem ter filhos?» (SWAIN, 2007, p. 203). Em Boston, são mesmo publicados trabalhos específicos sobre «o corpo da mulher», elaborados por um colectivo de mulheres³, sob os títulos *Women and their bodies* e *Our bodies ourselves*. A questão do corpo enquanto objeto reprodutivo afigura-se, pois, como fulcral para a definição do ser mulher, pelo que a libertação do estigma da procriação significaria finalmente a possibilidade de se ser dona do seu próprio corpo escolhendo fazer dele o que se queira.

A questão da identidade feminina sem o corpo, sem sexualidade, é levantada na criação literária através da personagem Yara. De fato, se as mulheres se tornam «sexo e sexualidade, na medida em que o seu ser só atinge a plenitude na prática heterossexual» (SWAIN, 2004, p. 48), segundo Tânia Swain, que dizer de Yara, a mulher amante com corpo de sereia, a esposa ardente a-sexual? «Serei eu mãe mesmo antes de ser mulher? Serei eu um útero, antes de ser humana?» (SWAIN, 2007, p. 211), se interroga Swain. A mesma questão subjaz à criação literária de Yara, cuja dimensão humana mas também mística, lhe permite subverter a ordem instituída desde tempos imemoriais reivindicando a posse exclusiva do seu corpo. O discurso romanescos africano não é, portanto, de modo nenhum alheio a estas questões abrindo as portas do imaginário literário ao histórico-social sem, no entanto, perder a sua essência de criador de sentidos estético-ficcionais. O tratamento narrativo da problemática que revolucionou os paradigmas tradicionais do pensamento feminino levando à afirmação da identidade da mulher para além da sexualidade e, por conseguinte, para além da maternidade, permite ao leitor a fruição de uma obra onde convive com o insólito e o simbólico através de caminhos não convencionais. Assim, ancorada no histórico-social mas extravasando-o, a construção ficcional do feminino no romance moçambicano adquire uma dimensão estético-ideológica não negligenciável.

³ O grupo ficou conhecido sob o nome de Boston Women's Health Book Collective.

2 YARA, MULHER AMANTE SEM O CORPO

Mais uma vez aqui fazemos apelo à relação existente entre o extratextual e o intratextual estudada por sociocríticos como Dantas (2000), Angenot (1992), Duchet (1979), pois a interação de sentidos (o social e o literário), que postula Dantas, por exemplo, arrasta para o centro da narrativa ficcional a questão identitária feminina através da personagem Yara, a mulher que ama sem o corpo. Mas, novos e complexos sentidos se criam, o que vem confirmar também a constatação feita por Robin de que o discurso literário produz um sentido novo, o não-dito, o não formulado⁴. Assim, é na linha do pensamento histórico das feministas, (mas não só, pois também George Simmel (1989)⁵ e Pierre Bourdieu (1998)⁶, entre outros, salientam, nos seus estudos antropológicos, a dominação histórica masculina) que se fará uma leitura estético-ideológica da personagem feminina Yara. De fato, o seu corpo se torna o lugar simbólico de onde uma mulher pode ver o mundo, o que se inscreve perfeitamente nas conclusões de Bourdieu, para quem «o corpo é o lugar onde estão inscritas as disputas pelo poder e é nele que está demarcado todo o capital cultural (...), o sexo define a posição de dominado ou dominador (...), o corpo é a materialização da dominação.» (BOURDIEU, 1998, p.18).

Yara é uma mulher *hors norme* (metade humana, metade sereia), cujo corpo, portanto, não serve objetivos reprodutores convencionais sem, no entanto, perder a capacidade de amar. Casada sete vezes, mas de todas elas recusando entregar o corpo, se apaixona finalmente por um jornalista. Procurando-o obstinadamente e com ele a sua própria felicidade, Yara é empreendedora e subversiva rompendo com o papel passivo e subserviente tradicionalmente atribuído à mulher⁷. Escandaliza sobretudo pela recusa do corpo como objeto exclusivo do prazer masculino metamorfoseando-se em sereia no momento do ato sexual.

A mulher não surge, pois, neste romance como a tradicional coadjutora do homem, reservada às tarefas domésticas, a mãe extremosa. Oriunda da Babilónia, de onde fugiu da

⁴ Cf. ROBIN, 1992, p.96.

⁵ Georges Simmel (1989), considera que o elemento masculino é dominante desde tempos imemoriais, identificando a cultura objetiva que domina o mundo capitalista com a cultura masculina.

⁶ Pierre Bourdieu constata (1998, p. 18): «A ordem masculina está tão perfeitamente arraigada que não precisa de justificação: ela se impõe como auto-evidente, universal».

⁷ Veja-se Helen Carr (1998, pp. 159-160), por exemplo, que constata, sem ambiguidade, que não-europeus e mulheres ocupam o mesmo espaço simbólico no discurso colonial por serem considerados «parte da natureza e não da cultura», incapazes, passivos, imaturos («in the language of colonialism, non Europeans occupy the same symbolic space as women. Both are seen as part of nature, not culture (...) passive, child-like, unsophisticated, needing leadership and guidance, described always in term of lack»).

guerra, e recentemente chegada à Beira, Yara toma a iniciativa de chamar o jornalista e ir ao seu encontro na mesa de um café sem desvendar as suas reais intenções.⁸ Durante algum tempo vai manipulando o fio da conversa, mas ao dar-se conta que não desperta no seu interlocutor qualquer interesse⁹, parte para uma nova relação com um inglês, com quem também não consumará o ato sexual. A eternização da sua virgindade se torna, então, símbolo do corpo ostentado como signo identitário, isto é, a mulher afirmando-se como dona exclusiva do seu corpo com direito à recusa da posse masculina. O ato sexual será a violação do seu corpo e, com ele, da sua alma, porque mesmo podendo a entrega física e/ou espiritual ser mútua, o homem é o intruso, o dono.

A personagem consubstancia, no entanto, o drama existencial que as feministas evidenciam: como ser mulher sem ser mãe? Sabida a importância da virgindade e da fecundidade como elementos definidores da identidade feminina¹⁰, será possível ser mulher sem procriar? Como afirma Swain, «procriar, reproduzir a espécie passou a significar socialmente o feminino (...) deixando de ser mulheres a imensa legião daquelas que não podem ou não querem ter filhos, perdem a sua inteligibilidade social e alinham-se na fileira dos excluídos» (SWAIN, 2007, p. 204). Na sociedade africana, a esterilidade é mesmo vista como uma maldição e a mulher estéril sente-se marginalizada. Esta conceção advém essencialmente do facto de se considerar, tal como postula Mircea Eliade, o dar à luz como «uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica» (ELIADE, 2001, p. 120), isto é, a maternidade será uma manifestação das forças cósmicas e do sagrado¹¹. A reprodução se afigura, pois, para a mulher africana não só como um dever social mas também como uma necessidade moral que lhe é intrínseca. Mas gerar significa obrigatoriamente entregar o corpo ao homem que valoriza a virgindade feminina como um bem precioso¹². Então, como pôr fim ao mito de que «a virgindade não é algo que se perde», segundo Yara (p. 47)? Como viver o amor sem entregar o corpo, sem ser possuída? Como ser ela própria sem ser de ninguém? Assim, a sua virgindade se torna símbolo ou protótipo de uma crise de identidade que afetará

⁸ «Não entendo absolutamente o motivo por que ela deseja que eu seja o seu saco de desabafo» (TIMOTEO, 2008, p. 14), diz o jornalista/narrador.

⁹ «Não sei se ela se terá apercebido que batera em porta errada», p. 14.

¹⁰ Segundo NUNES (2000, p. 80), na cultura ocidental «a mulher que pare com dor, que aleita com sacrifício, que conduz a criança em seu frágil colo, é o ideal máximo de feminilidade que o século XIX preconizou». Bell Hooks, teórica do feminismo, procura desconstruir a categoria mulher e argumentar que o género não é o exclusivo determinante da identidade da mulher (cf HOOKS, 1994, p. 77).

¹¹ Amadou Hampâté Bâ, filósofo e escritor senegalês, postula mesmo que na mulher se manifestam forças cósmicas através da maternidade. Vide *Aspects de la civilisation africain*.

¹² A problemática corpo/maternidade associada ao domínio da mulher/mãe é objeto de estudo das feministas. Veja-se, por exemplo, STEVENS, 2007.

o ser-mulher, cujo corpo parece pertencer ao homem por convenção social mas sobre o qual ainda é possível tomar posição: «para que é que os homens querem uma virgem? Para alimentar os seus caprichos» (p. 124). De fato, debatendo-se entre convenção e subversão, entre a posse da sua virgindade pelo marido que a reclama e a recusa consciente e sofrida dessa apropriação, ela acaba por privar do seu corpo sucessivamente os sete maridos. Mas, como redefinir, por conseguinte, a sua identidade de mulher face ao domínio masculino sendo o marido o intruso no seu corpo, a maternidade o único meio de dar continuidade à geração? É então que Yara chega à utopia sexual: amar e casar¹³ mantendo-se virgem, desfazendo assim o mito da virgindade - «uma pessoa pode ser virgem, mas impura. Sou apologista das virgens de alma», afirma (p. 124). Além disso, subverte também o próprio conceito do amor, pois se apaixona por um desconhecido a quem pede ambigualmente que seja humano (p.49). Terá ela recusado abdicar da sua virgindade por falta de humanidade dos seus maridos? Ou poderá o amor realizar-se fora do corpo, excluindo a sexualidade, baseado apenas num humanismo platónico? Tal parece ser a utopia de Yara de que o seu desaparecimento físico da diegese após o primeiro capítulo é prenúncio. Ela se fará presente simbolicamente no resto da diegese pelos seus escritos reveladores de uma sensibilidade extraordinária, que ultrapassa os limites do ser sexuado e reprodutivo que se quer silenciado e confinado no contexto doméstico. A afirmação da sua identidade de mulher passa, pois, pela preservação do corpo como algo de exclusivamente seu mas também por vivências fora do comum: «deixei que os meus pés tocassem onde o coração quisesse» (p. 125), afirma na sua carta autobiográfica. O seu sonho de amor fora do corpo ou da sexualidade, seja ele utópico, é ainda o seu direito de mulher.

CONCLUSÃO

A contestação histórico-social das feministas do fim do século XX, que revolucionou a condição da mulher no seu âmbito, evidencia suas repercussões na ficção literária moçambicana, pois os contornos dessa problemática se reflectem, sem sombra de dúvida, na construção da figura feminina do romance *Yara, a virgem da Babilónia*. O imaginário narrativo levanta, sem tabus, questões relativas à sexualidade, à virgindade e, por conseguinte, ao corpo da mulher visto como objeto exclusivo do prazer masculino. Yara representa a mulher que recusa ser símbolo de fertilidade, rejeitando a identidade dos outros (marido,

¹³ Esse seu desejo vem explicitado na pag. 152.

filhos). Fora do contexto doméstico, esta mulher *hors norme*, revoga o tradicional papel subserviente e passivo da mulher, revelando-se subversiva e empreendedora. Enigmática, mística, mas também humana, a sua dimensão polivalente lhe permite revolucionar conceitos interditos propulsando o leitor à interrogação e ao mistério.

No quadro da complexa relação que se estabelece entre história e literatura, a deslocação dos regimes do sentido preconizada pelos socio-críticos permite desvendar os sentidos histórico-sociais e estético-ideológicos que povoam o universo romanesco moçambicano. Assim, entre o sonho e a utopia da personagem feminina Yara, se vislumbra a luta feminina do fim do século XX desencadeada por Simone de Beauvoir, que, gerando acesa controvérsia, deu por vezes origem a posições utópicas, mas ainda assim válidas. Uma nova identidade social se configura para a mulher africana que, no concerto das lutas feministas, repensa o futuro pondo fim ao seu silêncio histórico.

HISTORY AND LITERARY CREATION OF THE FEMININE IN YARA, A VIRGEM DA BABILÓNIA

ABSTRACT: This article aims at analyzing the relation between feminists historical movement of the last century and contemporary African literature. It presents a reading of the novel *Yara, a virgem da Babilónia* (2008), by Adelino Timóteo, a Mozambican writer. Through the mythical and human dimension of a feminine figure living in Beira, a micro space of Mozambique, literary fiction deconstructs feminine myths and subverts traditional concepts of love, sexuality and virginity. In the light of feminist critical theory, narrative responses to questions as male domination and women's rights, points at a new social identity for African women. Choosing her destiny and what do with her body, the female character of the novel, Yara, aims at putting an end to historical women's silence in Africa.

KEYWORDS: Mozambique. Novel. Feminism. Identity. Woman.

REFERENCIAS

ANGENOT, Marc. Que peut la littérature?: sociocritique littéraire et critique du discours social. In: Neefs, Jacques et Ropars, and Marie-Claire, *La Politique du texte, enjeux sociocritiques: pour Claude Duchet*. Paris: Presses Universitaires de Lille, 1992. p. 9-27.

BÂ, Amadou Hampâté. *Aspects de la civilisation africaine*. Paris: Présence Africaine, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel. *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 11-27.

CARR, Helen. In LOOMBA, Ania, *Colonialism/Postcolonialism*. London: Routledge, 1998.

CISLER, Lucinda. Unfinished business: birth control and women's liberation». In MORGAN ROBIN (Ed.). *Sisterhood is powerful: an anthology of writings from the women's liberation movement*. New York: Vintage Books, 1970.

DANTAS, Marta Pragana. O que pode a sociologia da literatura pela literatura? Ou da separação entre as análises interna e externa. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 2, p. 1-11, nov. de 2000.

DUCHET, Claude. Positions et perspectives. In : Duchet, Claude (Dir.). *Sociocritique*. Paris: Nathan, 1979. p. 3-8.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo: um estudo da revolução feminista*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

HOOKS, Bell, *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge, 1994.

NAVARRO-SWAIN, TÂNIA. Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: a mãe, a prostituta. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 11, n. 4, p. 43-58, 2004.

_____. Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. In STEVENS, Cristina (Org.). *Maternidade e feminismo*, diálogos interdisciplinares. Florianópolis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do sul, EDUNISC, 2007. p. 201-246.

NUNES, Silvia Alexim. *O Corpo do Diabo entre a Cruz e a Calderinha: Um Estudo Sobre a Mulher, o Masoquismo e a Feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROBIN, Régine. Pour une socio-poétique de l'imaginaire social. In: Jacques Neefs et Marie Claire Ropars. *La politique du texte: enjeux sociocritiques*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1992. p. 95-121.

SIMMEL, Georges. A cultura feminina. In: *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 1989.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *Maternidade e Feminismo, diálogos na literatura contemporânea*. Florianópolis: Edunisc. 2007.

TIMOTEO, Adelino. *Yara, a virgem da Babilónia*. Maputo: Texto Editores Lda. 2008.